





DA AUTORA DA DUOLOGIA  
ENTRE AMORES E PÓ DE FADA



# O RENASCER

Livro II

SUSANA SOUSA

O RENASCER DE UM MUNDO COBERTO  
PELAS CINZAS DO PASSADO



**Título Original:** O Renascer

**Autora:** Susana Sousa

Copyright © Susana Sousa

Copyright © Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Revisão:** Tânia Roberto e Ana Domingues

**Edição:** Iara Andrade

**Design Interior/Diagramação:** Tânia Roberto

**Design de Capa:** Tânia Roberto e Iara Andrade

**Imagem de Capa:** Canva

**1ª Edição:** março de 2024

**Acabamento/Impressão:** Gráficas Ulzama

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:** 529509/24

**ISBN:** 978-940-3733-14-2

**NG**  
Nova Geração  
Editora



*Para todos os que acreditam em segundas oportunidades  
E a ti, tu sabes quem és, por me mostrares que finais felizes não existem só nos livros*





## PLAYLIST



## TRIGGER WAIRNINGS

MORTE;  
VIOLÊNCIA;  
PRECONCEITO





# Capítulo 1

## Ámon

— **A** HELENA ESTÁ MORTA — grita Fëanor vitorioso. Todos festejam, mas fixo o olhar em Áurea, tombada no chão, imóvel.

Olho de soslaio para Maya que não desprende os olhos daquela cena. Numa sintonia quase perfeita, corremos em direção ao corpo imóvel de Áurea. Nesse momento, o tumulto cessa.

— Áurea, minha menina, conseguiste, agora acorda. Por favor, acorda!  
— Maya deixa-se cair de joelhos junto de Áurea, acariciando-lhe a face, um gesto que não provoca qualquer reação no corpo inanimado. Ajoelho-me também, e Maya encara-me, olhos marejados de lágrimas. Não, não pode ser, afasto-a de forma brusca e agarro o corpo de Áurea, mas não há movimento. Não deteto respiração, não sinto o batimento cardíaco, e por um momento, acho que paro de sentir o meu próprio coração.

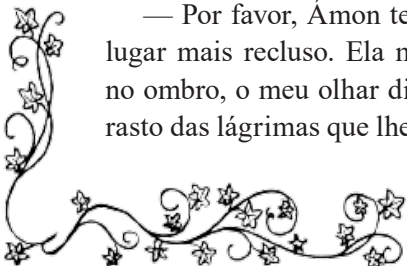
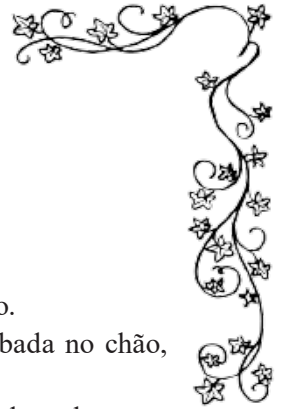
— ÁUREA, ÁUREA VOLTA, ÁUREA.

Perscruto de forma desesperada todos os rostos que me rodeiam em busca de ajuda. Os presentes acabam por se concentrar à volta do corpo de Áurea. Fëanor ajuda Maya, que soluça descontrolada. Um nó começa a formar-se na minha garganta, e, apesar de tentar inspirar, parece que todo o oxigénio à minha volta desapareceu.

— Ámon, ela está morta. Tens de a largar...

— Nunca! Eu não a vou deixar, ela não morreu! Ela não pode ter morrido. Eu não o permito! — O mundo em nosso redor está em pausa, sem qualquer movimento perceptível, apenas se ouvem soluços e suspiros dispersos. Maya tenta convencer-me a largar o corpo de Áurea, mas não consigo. Agarro-a com toda a força possível e tento transmitir um pouco da minha vida para ela, mas em vão. Os seus malditos olhos, que outrora me transmitiram tanta alegria, teimam em não abrir e a sua pele fica mais pálida a cada segundo que passa. — Áurea, se me ouvés volta para mim, por favor! Não me podes deixar. Tens de te levantar e mostrar-me o teu mundo, incluir-me nele... Vamos festejar esta vitória! Vamos ficar juntos, por favor!

— Por favor, Ámon temos de tirar o corpo dela daqui. Levá-lo para um lugar mais recluso. Ela merece essa dignidade. — Sinto a mão de Fëanor no ombro, o meu olhar dirige-se para a sua face onde é possível observar o rasto das lágrimas que lhe escorrem pelo rosto. No entanto, vejo pela postura



que é alguém que sabe as consequências de uma guerra. Aliás, olhando em volta, todos aqui têm essa postura, são seres destinados a dirigir um reino e a saber pesar as consequências de uma batalha, menos eu, eu sou um mero humano que foi apanhado de surpresa por tudo isto. Um mero humano que não ganhou guerra nenhuma, um mero rapaz que perdeu o amor da sua vida. — Ámon, ela merece algo melhor do que estar deitada no meio dos destroços de uma batalha.

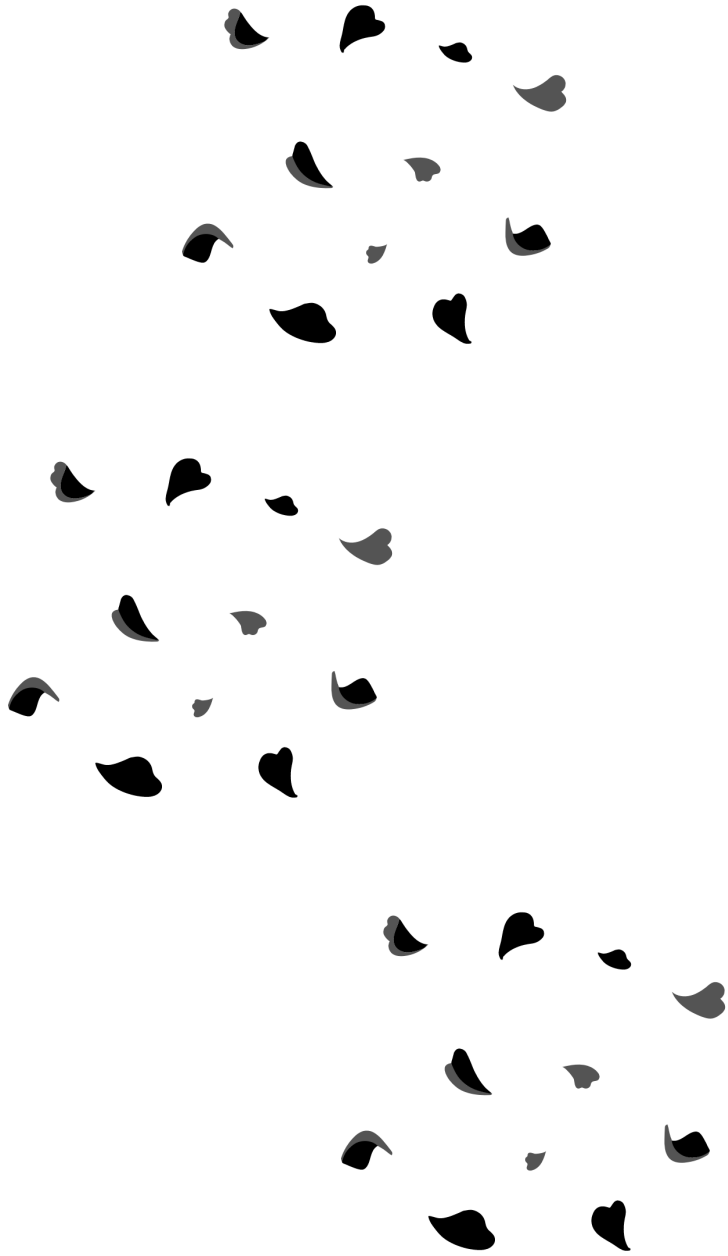
Fëanor agarra-me pelos ombros e finalmente solto o seu corpo, levantando-me. Tarefa que se torna impossível, pois os joelhos tremem-me e parece que toda a força do meu ser desapareceu, sendo que o único apoio que me mantém é o suporte do Fëanor. Encaro Áurea inanimada no chão, e uma corrente percorre todo o meu corpo, solto-me das mãos de Fëanor e, num momento de pura adrenalina, seguro novamente o corpo inerte de Áurea. Os meus passos até ao castelo são acompanhados pelo eco dos restantes que seguem atrás de mim e pelo som autoritário da voz de Fëanor que vai comandando.

— Recolham os elfos e fadas perdidos! Todos receberão a devida homenagem por terem perecido, não importa de que lado lutaram. Quanto aos sobreviventes que apoiavam a fada Helena, vocês estão cercados e não têm como escapar. Têm duas opções: podem jurar lealdade ao futuro líder ou optar pela prisão perpétua. A decisão é vossa.

Perdi a noção do que se passava lá fora assim que os meus passos e os de quem me seguia ressoaram no chão de mármore do castelo. Maya, com graça e destreza, junta-se a mim, e com um movimento sinuoso das mãos, as flores que cercavam o jardim interior ganham vida própria. Dançam no ar, entrelaçando-se numa coreografia mágica, até formarem diante da majestosa fonte uma pequena cama de flores resplandecentes. Com um cuidado terno, coloco o corpo de Áurea sobre essa cama de pétalas etéreas, permitindo que a essência da magia a envolva no seu descanso final. Maya coloca a mão no meu cotovelo e com um gesto delicado, afasta-me um pouco. Duas fadas, cuja indumentária denunciava serem uma espécie de empregadas, com os rostos encharcados de lágrimas, aproximam-se trazendo consigo um conjunto de toalhas e uma pequena taça de porcelana, com água perfumada, um suave aroma de rosas a pairar. Com infinita gentileza, começam a limpar os vestígios da batalha presentes no rosto e corpo da Áurea. A sua roupa está limpa, as únicas manchas visíveis estão no rosto e nos braços. O tempo parece prolongar-se até à eternidade, envolvido em silêncio absoluto, fazendo com que os soluços ecoem pelas paredes do castelo. Sinto o aperto firme de Maya no braço, enquanto a sua cabeça repousa suavemente sobre o meu ombro.

Do outro lado, Fëanor junta-se a nós, a mão pesando sobre o meu ombro. Neste momento solene, ninguém se ousa mover. Após a limpeza do seu corpo, Áurea parece irradiar uma aura de paz, envolta num brilho radiante, que ressalta ainda mais a sua aparência angelical. Enquanto algumas pessoas dispersam, as orientações de Maya ecoam, preenchendo o ar com uma melodia mágica para acomodar os líderes que permanecerão aqui.

Aproximo-me de Áurea e coloco a cabeça com toda a suavidade possível na sua barriga, ansiando sentir o movimento da sua respiração, mas nada acontece. Sinto as lágrimas escorrerem-me pelo rosto, fluindo como cristais líquidos, incapazes de serem controladas. Parece que jamais serei capaz de cessar este choro.



## Capítulo 2

### Maya



— Como é que ele está? — A voz do Fëanor soa perto de mim enquanto se posiciona ao meu lado, no topo das escadas, onde ainda há poucos meses nos juntávamos para abrir o baile do meu aniversário.

— Destroçado. Acabou por adormecer com o cansaço. Vou deixá-lo dormir e se ele não acordar, entretanto, só o acordo na hora da cerimónia de amanhã.

— Qual é o próximo passo Maya?

— Reunir todos os líderes e eleger alguém para assumir o lugar de Helena; alguém digno, que honre o seu lugar e que execute todas as suas obrigações com justiça. Precisamos encontrar alguém capaz de desempenhar esse papel na perfeição. — Observo os seus olhos dirigirem-se para o corpo de Áurea. — E tu? Como estás? Também perdeste uma amiga.

— Eu aguento-me, vou sentir imenso a falta dela, mas fico a dever-lhe tudo. Graças a ela toda a gente vai poder ser livre de amar quem quiser, de viver como quiser. Queria só ter a oportunidade de olhá-la nos olhos uma vez mais, e agradecer-lhe. — Uma lágrima desliza pelo seu rosto, e ele enxuga-a num ápice.

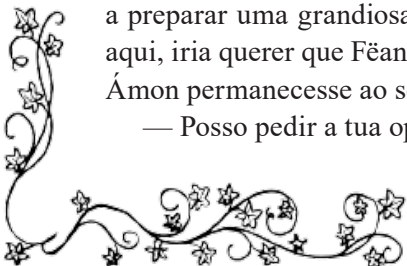
— Vais atrás dela?

— Da Anne? Sim. Quer dizer, não sei. Há uma enorme possibilidade de ela ter seguido com a sua vida e não quero destabilizar isso...

— Fëanor, a Áurea não morreu para que ficasses com medo de ser rejeitado. Tens de arriscar! Se não a procurares nunca vais saber. — Tento disfarçar a pontada no peito que sinto ao admitir a morte de Áurea pela primeira vez em voz alta.

— Vou pensar nisso, mas não agora. Temos de pensar na reunião, não a podemos adiar por muito tempo. E temos de nos despedir dela. Isso sim é o mais importante. — Neste momento, desejaria que estivéssemos todos envolvidos em festividades, em vez de estarmos imersos no luto. Deveríamos estar a preparar uma grandiosa celebração e não um funeral. Se Áurea estivesse aqui, iria querer que Fëanor não desistisse de Anne, e também ia desejar que Ámon permanecesse ao seu lado, a governar o reino com poder e sabedoria.

— Posso pedir a tua opinião Fëanor?



— Claro que sim!

— Como achas que seria a reação geral se eu nomeasse o Ámon como Rei de Anjana? Este não é o meu papel, eu estava apenas a guardar o trono até à chegada de Áurea, e agora que ela não está aqui para assumir esse lugar... Eu não tenho coragem. Mas acho que ele seria a escolha dela para guiar o nosso reino de forma justa, tal como ela o faria.

As últimas palavras de Áurea antes da batalha com a Helena ecoam na minha mente: *Madrinha, se eu não sobreviver, ambas sabemos que o lugar dele é aqui, no trono de Anjana. Confio em si para cuidar dele e para que isso se cumpra.*

— Se ela tivesse sobrevivido, eles iriam governar juntos. Sei que ele não conhece este mundo, sei que ainda nem sabe ao certo o que é este mundo, mas ter-nos-ia para o guiar.

— Maya, isso é algo nunca feito. Um humano a governar um reino de fadas, sem ser por meio de casamento? Isso seria um ponto de viragem na nossa história, revelando o alcance desta guerra. Tens o meu total apoio. Tenho a certeza de que ela iria desejar isso.

— Levarei este tópico a discussão na reunião, e se os líderes estiverem todos de acordo, então falarei com ele.

— Quando será a reunião?

— Depois de amanhã. Normalmente seria só após o período de luto terminar, mas isto é demasiado importante para esperar.

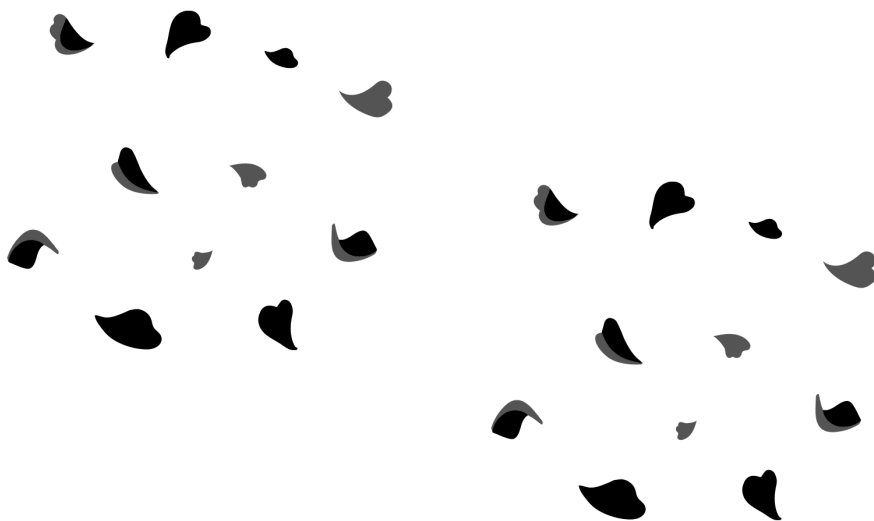
Apenas desejo que aquele que assuma este papel seja capaz de honrar tudo o que Áurea fez e sacrificou, assim como todos os que lutaram ao nosso lado.

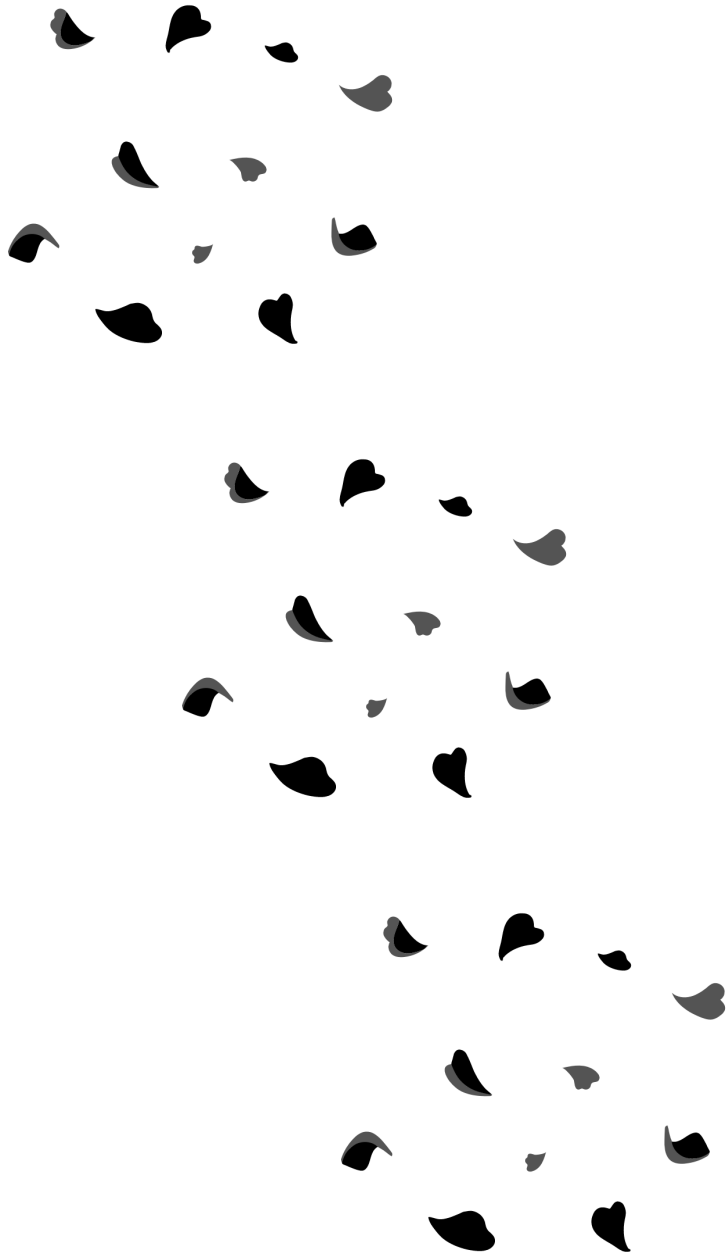
Fëanor despede-se com uma pequena vénia e recolhe-se aos seus aposentos. Desço os degraus com calma, acompanhada pelo eco dos meus passos e reúno coragem para me aproximar do corpo inerte da minha menina. Todos recolheram às suas casas e aposentos, e o castelo encontra-se envolto num silêncio ensurdecedor, permitindo-me estar a sós com ela neste momento íntimo.

— Minha menina, sinto-me tão orgulhosa de ti. Apesar de temer o que o destino havia planeado para ti, e de te ter incutido por tanto tempo que uma fada não poderia envolver-se com um humano, tu seguiste o teu coração; foste corajosa e isso enche-me de orgulho. Os teus pais ficariam orgulhosos em ver que a sua filha se tornou numa heroína que restaurou o que há muito tempo foi destruído. Não sei se me estás a ouvir, mas se estiveres, quero que saibas que eras como uma filha para mim, e tornaste-te na mulher que sempre sonhei que fosses e da qual terei orgulho para sempre. Sentirei imenso a tua falta.

Desabo por completo sobre o seu corpo, chorando compulsivamente. Ela era o meu propósito de vida, a minha razão de ser. Educar, cuidar e protegê-la fora o meu objetivo, e agora ela partira. Como é suposto continuar sem a menina dos meus olhos?

Quando parece que as minhas lágrimas sessam, decido encaminhar-me para o quarto. Sinto a cabeça e os olhos pesados, e sei que amanhã será um dia longo.







## Capítulo 3

### Ámon

**A**cordo num sobressalto. O meu coração revibra por todo o corpo e sinto as gotas de suor a escorrer-me pela testa. Percorro o olhar pelo que me rodeia e não tenho bem a certeza de onde estou. Um peso nos olhos obriga-me a voltar a fechá-los e é quando sou assombrado pelas memórias do dia anterior: a descoberta do mundo das fadas, a guerra, a morte da Áurea...

Deixo-me cair para trás. Talvez tudo isto não passe de um sonho, ou pior, um pesadelo. Talvez nada disto esteja realmente a acontecer, e quando eu abrir os olhos estarei de volta ao meu apartamento, com Áurea deitada ao meu lado.

Uma batida na porta traz-me de volta à realidade. Abro os olhos e percebo que ainda estou aqui, não foi um pesadelo.

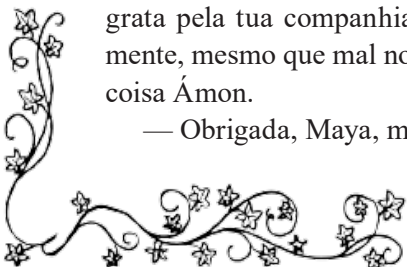
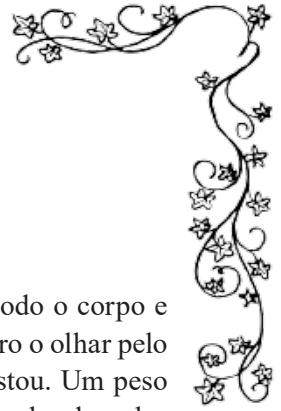
Limpo as lágrimas que teimam em escorrer-me pelo rosto, levanto-me e sinto um tapete macio debaixo dos pés. Dirijo-me à porta, mas antes lanço um olhar ao espelho; ainda estou com as roupas de ontem, o cabelo está num completo caos e os meus olhos, inchados. Sinto o calor da minha mão contra o frio metal da maçaneta quando abro a porta.

— Bom dia, Ámon! Passei para ver como estavas e para avisar que a cerimónia fúnebre começa dentro de meia hora. — À minha frente encontra-se Maya, num vestido preto fluído, com o seu cabelo trançado de forma perfeita, e o rosto marcado por olheiras que contrastam com o tom pálido da sua pele.

— Bom dia. Obrigado pela sua preocupação e hospitalidade. Em relação a como me sinto, ainda não consigo entender por completo tudo o que aconteceu e o impacto que teve em mim. Até agora nada disto me parece real, Maya.

— Quero te pedir por favor, que me trates por “*tu*”. Não há necessidade de tanta formalidade. Também não consigo aceitar a realidade que nos atingiu. Ela era tudo para mim, a minha razão de viver, e agora sinto-me perdida. Sem rumo. Diante esta perda devastadora, queria convidar-te a permanecer aqui connosco. Tenho a certeza de que ela desejaria a tua presença, e eu seria grata pela tua companhia. Não precisamos de enfrentar esta dor solitariamente, mesmo que mal nos conheçamos. Podes contar comigo para qualquer coisa Ámon.

— Obrigada, Maya, mas não quero incomodar.



— Ámon, ela amava-te de forma profunda e desejava a tua presença ao seu lado. A partir do momento em que ela expressou esse desejo, tornaste-te parte da nossa família. Seria um prazer imenso ter-te aqui e ter a oportunidade de te conhecer melhor.

— Eu não sei para onde ir... — Olho para os meus pés ainda descalços, sinto-me desorientado. Não esperava este convite. Será a decisão certa, permanecer neste mundo? *Tens algum lugar melhor para ir?* Reviro os olhos diante do meu próprio pensamento e volto a encarar Maya, que me observa serenamente. — Aceito o convite até decidir o que quero fazer a longo prazo. Agradeço do fundo do coração a tua hospitalidade e amizade.

— Não tens de agradecer. Agora arranja-te e vem ter ao jardim, está quase na hora. Tens ali, naquele roupeiro as roupas que trouxeste e mais algumas coisas.

Maya dá um pequeno sorriso antes de virar costas, e fecho a porta lentamente. Observo em redor, encontro-me num quarto que não me pertence, que outrora pertenceu a Áurea. Ela nem teve tempo de mostrar-me este lugar, de partilhar as suas memórias deste sítio. Os meus olhos param no roupeiro, aproximo-me dele com calma. Ao abrir a porta, deparo-me não apenas com as roupas que trouxe, mas também com todas as minhas peças de roupa. Embora me pareça estranho, não evito pensar que Áurea teve mão nisto. Será que ela previu que eu não iria embora?

Após percorrer o roupeiro com o olhar várias vezes, decido escolher um fato preto, acompanhado por uma camisa preta. Opto por não usar gravata. Encaminho-me para uma das portas que ainda não havia aberto, a casa de banho. É toda revestida de mármore branco, com uma imensa banheira ao centro e todas as torneiras em dourado. Sobre o lavatório, um espelho grande encastrado numa moldura trabalhada. Admiro o meu aspeto miserável refletido ali; lavo o rosto e penteio o cabelo, mas nada parece melhorar a minha figura. Encaro mais uma vez o rapaz perdido no espelho e respiro fundo, numa tentativa de reunir alguma coragem para descer.

Enquanto desço as escadas até o jardim, os meus olhos maravilham-se com a beleza do lugar. As paredes foram tomadas por trepadeiras, como se uma chuva de rosas-douradas tivesse caído sobre elas. No centro, onde antes ficava a fonte, agora repousa o corpo de Áurea. É uma visão tão surreal, como se tivesse entrado num conto de fadas. Observo os presentes, todos vestidos de preto de forma elegante, rodeados por uma calma majestosa. É um cenário digno de realeza, algo que somente conhecia pelos filmes. Dirijo-me a um canto mais afastado, ainda a tentar acostumar-me a esta nova realidade, incapaz de me envolver em conversas de mera formalidade. Não consigo

compreender como algumas pessoas conseguem rir num momento tão solene. Sou apanhado desprevenido com a mão de Fëanor no meu cotovelo.

— Ámon, está prestes a começar. Talvez queiras aproximar-te um pouco mais.

— Obrigado, Fëanor. Antes demais, quero pedir-te desculpa. Metade do que pensei e disse acerca de ti não faz sentido... Agora vejo o quão errado estava. Tu foste um verdadeiro amigo e aliado da Áurea, e não sei como agradecer por isso.

Ele limita-se a mostrar-me um pequeno sorriso e a dar-me uma palmadinha nas costas enquanto nos dirigimos para o centro. Paramos em frente ao corpo de Áurea e encaramo-lo. Agora consigo ver que nunca tive razão para ter ciúmes. Aliás, só tenho motivos para o admirar.

— Ela era um ser magnífico, não era? — sussurra Fëanor.

— Era. O mais magnífico de todos. — Ao colocar este verbo no passado, sinto uma dor percorrer todo o meu corpo.

Não dizemos mais nada e vemos Maya a aproximar-se de nós e a impor silêncio com a sua chegada.

— Queria começar por agradecer a presença de todos e, acima de tudo, agradecer o quanto se empenharam nesta batalha da qual saímos vitoriosos. Infelizmente, a nossa heroína pereceu para nos garantir a vitória, e hoje estamos aqui para nos despedirmos dela. Decidimos que a melhor homenagem seria imortalizar a sua imagem, que será colocada num palanque circular em mármore e banhada a ouro. Áurea ficará para sempre preservada no centro do seu reino, onde foi muito feliz.

Faz-se um minuto de silêncio antes de Maya começar a mover as mãos. Um brilho irradiava delas. Os meus olhos, descontrolados, arregalam-se perante o espetáculo que se desenrola ao meu redor. Surge do chão um palanque imponente, e Áurea é posicionada no centro do mesmo. A sua postura remete a uma figura de batalha: pernas afastadas, uma mão na cintura e a outra erguida em comemoração. O seu rosto exhibe um sorriso perfeito. Confesso que a cena é um tanto macabra, porém, após ser coberta com o líquido dourado, torna-se numa visão deslumbrante. Não poderia haver homenagem mais adequada. À frente do palanque, uma pequena placa tem a inscrição:

AQUI REPOUSA A HEROÍNA  
QUE TRIUNFOU POR AMOR

No meio do choque de tudo o que acabei de presenciar e de tudo o que estou a viver desde ontem, mal percebo que as lágrimas escorrem uma vez mais pelo meu rosto. Apenas quando Fëanor me envolve num abraço, ambos entregues ao choro, percebo a profunda dor que compartilhamos pela perda que sofremos.

